

QUAIS SÃO OS MELHORES SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA DO MUNDO?

Por *Éric Denécé**



Pôster do filme "007 contra o Satânico Dr. No", de 1962, com o ator Sean Connery no papel de James Bond (Peter Lorenz/Illustrated 007).

Uma análise sobre a comparabilidade de serviços de inteligência, do ponto de vista francês.

Nas interações com os meios de comunicação ou com o público, muitas vezes surge uma pergunta que, a nosso ver, faz pouco sentido, mas à qual, no entanto, tentaremos responder: "Quais são os melhores serviços secretos do mundo?"¹.

É POSSÍVEL COMPARAR SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA?

Qualquer tentativa de comparação de serviços é mais do que arriscada porque nem todos têm as mesmas missões², os mesmos meios e não se beneficiam da mesma consideração política. Todos eles também têm uma cultura e uma história diferentes, evoluem em contextos jurídicos e geopolíticos diversos e podem ou não ter uma distribuição suscetível de ajudá-los em suas missões.

Por exemplo, para realizar um *benchmarking* relevante – ou seja, para missões equivalentes –, seria necessário comparar o DGSE (serviço "integrado" de 6.500

¹ O autor agradece aos ex-executivos da inteligência francesa que o ajudaram a escrever este texto, mas que desejam permanecer anônimos.

² É de fato necessário diferenciar entre serviços de inteligência, segurança e ação. Além disso, alguns serviços são "integrados" (ou seja, combinam, por exemplo, HUMINT e SIGINT), outros não.

pessoas) ao BND³ alemão (7.500), para a combinação Mossad+Unidade 8200 (cerca de 9.000), à de SIS+GCHQ (9.000 a 10.000), ou ainda à de CIA+NSA (80.000 funcionários excluindo subcontratados).

Finalmente, a comparação em um dado momento também encontra seus limites devido aos caprichos da conjuntura econômica que os diversos serviços podem experimentar. Todos eles têm suas qualidades e seus defeitos.

Por exemplo, no início dos anos 1980, os melhores especialistas da **CIA** no Oriente Médio foram eliminados durante um ataque à sua embaixada em Beirute em 18 de abril de 1983⁴, e depois o sequestro de William Buckley, seu chefe de posto na capital libanesa, em março de 1984, o que agravou o desmonte de suas redes na região. Além disso, no final da década de 1990, após o fim da Guerra Fria, a CIA e a DIA aposentaram quase todos os seus oficiais, especialistas e analistas de campo que agora eram considerados inúteis e, acima de tudo, muito caros por causa de sua antiguidade.

Dada a baixa atratividade dos salários do setor público americano, eles não foram substituídos pelos melhores das melhores universidades, mas por muitos medíocres de universidades de segundo nível. No entanto, alinhar dezenas de milhares de indivíduos de qualidade mediana não vale um único oficial ligeiramente culto. Como regra geral, a CIA tem muita certeza de sua superioridade. Embora tenha tido muitos sucessos, experimentou muito mais falhas do que outros serviços (Baía dos Porcos, Vietnã, Afeganistão, Iraque, etc.).

Durante a Guerra Fria, os serviços soviéticos se beneficiaram de condições favoráveis devido ao entusiasmo pela ideologia comunista no Ocidente. Dispunham também de enormes recursos humanos que lhes permitiam estabelecer-se clandestinamente no estrangeiro de forma a se aproximarem de personalidades para recrutar, influenciar ou corromper. Eles, portanto, obtiveram resultados significativos.

No entanto, eles próprios eram altamente corruptíveis e tendiam a dizer a seus líderes o que eles queriam ouvir⁵. Após a implosão da URSS, a **inteligência russa** sofreu uma grande queda, com a inchada KGB sendo desmantelada e a reorganização dos serviços tendo sido um tanto errática por uma década. Acima de tudo, Moscou perdeu o apoio dos serviços dos países do Pacto de Varsóvia de que se beneficiou até 1989.

Nosso conhecimento dos **serviços chineses** é mais limitado. No entanto, observamos que sua implantação internacional continua crescendo e que suas ações ofensivas se multiplicam. Por muito tempo, sua inteligência estrangeira não era páreo para seus serviços internos de segurança e contraespionagem, mas cresceu consideravelmente nas últimas três décadas. Além de seus consideráveis recursos humanos e financeiros, os serviços de Pequim se beneficiam do apoio de

³ Que não possui um serviço de ação.

⁴ Oito oficiais da CIA, incluindo o chefe da divisão do Oriente Médio.

⁵ No entanto, eles não são os únicos neste caso.

uma distribuição global em suas operações. No entanto, permanecem altamente politizados.

O **Serviço Secreto de Inteligência** (SIS, *Secret Intelligence Service*, ex-MI6), tem reconhecido *know-how* e sempre soube atrair os melhores elementos da sociedade britânica. Também domina muito bem a arte da comunicação, o que lhe permite aparecer a muitos não especialistas como um dos melhores serviços do mundo⁶, o que nem sempre acontece, tendo o SIS por vezes repousado sobre os louros. Acima de tudo, sua eficácia não pode ser medida sem integrar a ajuda constante que recebe dos serviços americanos e dos antigos domínios (Austrália, Nova Zelândia, Canadá) com os quais a colaboração é muito estreita.

O **Mossad** é um serviço profissional com excelentes habilidades no Oriente Médio, mas sua cobertura global é muito mais limitada do que a dos grandes países (Estados Unidos, China, Rússia), e de França e Reino Unido. No entanto, tem uma capacidade limitada de intervenção global graças à sua distribuição, que coopera espontaneamente nas suas operações – mas também por vezes sob coação – e contribui para o seu financiamento. De fato, o papel do Mossad também é garantir a proteção das comunidades judaicas em todo o mundo. Ele tem, portanto, uma obrigação de resultado, o que explica em parte sua necessidade de realizar ações visíveis e reivindicá-las; é, portanto, tão bom em *know-how* quanto em torná-lo conhecido, como os britânicos. É também um serviço que aplica sem escrúpulos a lei da retaliação face aos seus adversários e que não tem medo de errar.

No final dos anos 2000, porém, o Mossad conheceu vários fracassos e excessos, nomeadamente no Líbano e na Síria, ligados à evolução sociológica do seu recrutamento. Se os “velhos” ainda dominavam o conhecimento e as línguas regionais, a geração dos trintões revelou-se desligada das realidades do terreno. Shaul Mofaz (ex-chefe de gabinete do Tsahal⁷ nascido no Irã) lamentou que aos olhos dos jovens analistas do Mossad – mas também da Aman⁸, a inteligência militar – treinados à maneira americana, os iranianos parecessem tão estrangeiros quanto “os pequenos homens verdes do planeta Marte”. E era mais ou menos o mesmo aos olhos deles para os sírios ou os libaneses. Como resultado, alguns especialistas de inteligência ocidentais às vezes se referem ao Mossad como “o melhor serviço do mundo árabe”.

A **DGSE**⁹ foi construída sobre o *know-how* dos serviços da França Livre – isto é, operando em seu próprio território então ocupado – e por muito tempo teve um papel fácil na África; mas isso agora acabou. O serviço evoluiu muito desde sua criação graças à ação dos seus sucessivos dirigentes, nomeadamente na área técnica onde tem vindo a se recuperar. A DGSE dispõe agora de bons recursos e de um bom *know-how*. Além da Service Action¹⁰, ela sabia se desmilitarizar, o que era

⁶ *Romances de Ian Fleming, Graham Greene, John Le Carré e filmes de James Bond contribuem muito para isso.*

⁷ *As Forças de Defesa de Israel, conhecidas comumente no país pelo acrônimo hebraico Tsahal.*

⁸ *A Inteligência Militar de Israel, muitas vezes abreviada para Aman.*

⁹ *Direction Générale de la Sécurité Extérieure (Diretoria Geral de Segurança Externa) é uma das agências de inteligência e contraespionagem da França.*

¹⁰ *A Service Action (SA) é uma unidade militar secreta francesa.*

uma coisa excelente. Mas a DGSE, embora ainda mantenha cobertura global, não tem os meios dos serviços de inteligência estrangeiros americanos, russos ou chineses. No entanto, goza do reconhecimento dos seus principais parceiros. Entrevistada pela revista *Challenges* em junho de 2022, Gina Haspel, diretora da CIA de 2018 a 2021, declarou: “O DGSE é, a meu ver, um dos melhores serviços de inteligência do mundo. Considero que estão claramente no *top 3* dos nossos parceiros. Sua experiência em contraterrorismo e na África é incomparável. É também um serviço operacional, que não tem medo do risco e não se deixa paralisar pelo excesso de burocracia”. Acórdão que honra o nosso serviço, mas que o jornalista, com poucos escrúpulos, relata de forma totalmente desvirtuada no título do seu artigo “A DGSE está no top-3 mundial”¹¹!

COMPARAR COMUNIDADES DE INTELIGÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS É MAIS RELEVANTE

Parece mais apropriado comparar as comunidades de inteligência entre si. É um critério mais mensurável da importância que os Estados atribuem aos seus serviços de informações, ainda que não tenha em conta a utilização que deles fazem, nem a sua eficácia, que depende sobretudo da qualidade dos recursos humanos dos serviços. Portanto, a seguinte tipologia é possível:

1. Três Estados dominam todos os “INTs” (SIGINT, MASINT, IMINT, GEOINT, HUMINT, OSINT), possuem extensas e permanentes capacidades de ação global (inteligência e ação clandestina) e são dotados de orçamentos e força de trabalho muito substancial: Estados Unidos, China e Rússia. São as três principais potências mundiais em termos de inteligência.
2. Outros três Estados dominam todos os “INTs”, têm capacidade de intervenção global (inteligência e ação clandestina), mas não cobrem permanentemente todo o globo, ainda que seu Estado tenha vocação global. Seus orçamentos e pessoal são significativos, mas não compatíveis com os dos países da “classe 1”: Reino Unido, Israel, França.

Podemos considerar que a França ocupa – segundo critérios que não levam em conta a eficiência – o 6º lugar no mundo. De fato, os britânicos gastam mais com seus serviços, que também têm mais funcionários que os franceses, e contam com o benefício da rede Five Eyes¹². A comunidade de inteligência israelense é equivalente em número à francesa, enquanto o estado judeu é oito vezes menos populoso e tem uma distribuição global que pode ajudar em suas operações. Se a inteligência israelense não fornece monitoramento global como os outros cinco, ela tem recursos que permitem obter informações ou agir em qualquer lugar do mundo.

¹¹ Vincent Lamigeon, “Gina Haspel, ex-director of the CIA: The DGSE is in the world top-3”, *Challenges*, 24 de junho de 2022 (https://www.challenges.fr/entreprise/defense/gina-haspel-ancienne-directrice-de-la-cia-la-dgse-est-dans-le-top-3-mondial_818378).

¹² Aliança de inteligência dos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

3. Outros Estados possuem serviços de qualidade, controlando mais ou menos a totalidade ou parte do “INT”, mas abrangem apenas uma área limitada de atuação correspondente aos seus interesses diretos, tendo o seu Estado apenas uma vocação regional. Seus orçamentos e mão de obra são semelhantes ou inferiores aos da “classe 2”, mas vários desses Estados podem ingressar nos próximos anos. No entanto, conseguem concentrar seus meios, reconhecidamente mais modestos, nos seus objetivos geográficos ou temáticos e são geralmente tão eficazes – se não mais – que os “grandes”: Alemanha, Itália, Espanha, Coreias, Japão, Marrocos, Argélia, Marrocos, Turquia, Egito, Arábia Saudita, Irã, Índia, Paquistão, etc.

4. Muitos Estados têm capacidades de inteligência limitadas, geralmente favorecendo a segurança interna (contraespionagem, contraterrorismo etc.) porque não têm vontade ou meios para se afirmarem como atores de grandes eventos regionais ou internacionais. Este é particularmente o caso da maioria dos demais estados europeus.

5. Finalmente, outros estados têm capacidades de inteligência muito limitadas ou mesmo inexistentes, particularmente na África, Ásia e Oriente Médio. Na verdade, não são serviços de inteligência propriamente ditos, mas serviços de segurança com o único objetivo de garantir a proteção do regime e de seus líderes.

Não devemos esquecer as capacidades de inteligência e ação de organizações terroristas (Hezbollah, Daesh, Al-Qaeda, FARC, LTTE¹³, etc.) Note-se que é inadequado falar de um “serviço de inteligência” para o Vaticano, embora ele tenha uma rede global de informantes muito extensa, muito comparável à de uma agência de notícias.

É POSSÍVEL MEDIR A EFICÁCIA DOS SERVIÇOS?

Em termos de eficiência, uma vez que todos os serviços têm objetivos não comparáveis, um leque de missões e recursos, o único verdadeiro critério de desempenho a considerar é o da satisfação de seu executivo frente às missões que lhe são confiadas. Assim, um bom serviço de inteligência é aquele que atende satisfatoriamente às necessidades de seu principal político sem jamais comprometê-lo.

Para fazer uma comparação relevante, portanto, seria preciso avaliar a forma como os executivos utilizam os seus serviços, a contrapartida que lhes dão, o crédito que lhes dão e os meios que lhes atribuem. Se um poder político considera que não precisa de agências especializadas, ou se não lhes dá missões, não as orienta – ou orienta mal –, ou não lhes fixa objetivos, não deve estranhar que não lhes proporcionem serviços ou que seus serviços acabam sendo autodirigidos... geralmente às custas de seu cliente falho! Da mesma forma, se as autoridades não levarem em conta as informações prestadas pelos seus serviços e não os ouvirem, estes não podem ser postos em questão.

¹³ Os Tigres de Libertação de Tamil Eelam (LTTE) foram uma organização militante tâmil baseada no nordeste do Sri Lanka. Foram conhecidos também como Tigres de Tamil.

Recordemos, por exemplo, que a CIA viveu uma greve em 2003, quando os analistas da agência perceberam que as informações e alertas que transmitiam à Casa Branca não eram levados em consideração, o vice-presidente Dick Cheney e o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, preferindo usar as informações – falsas – que coletaram por meio do Office of Special Projects (OSP), agência criada por eles para justificar a invasão do Iraque.

A DGSE experimentou uma “politização” comparável durante o caso sírio (2013-2018), tendo o seu diretor Bernard Bajolet decidido a concordar com os desejos de Laurent Fabius, então Ministro dos Negócios Estrangeiros, que queria a todo o custo a queda do regime de Damasco, apesar de sólidas análises do serviço explicando que Bashar Al-Assad não cairia. E no início de 2022, a Direção de Inteligência Militar (DRM, *Direction du Renseignement Militaire*) foi, por sua vez, acusada durante a crise ucraniana de não ter a mesma leitura da situação que os americanos, o que contribuiu para a demissão de seu diretor.

Apesar desses fatos, de acordo com esse *benchmark* de desempenho, a França é provavelmente um dos países com a comunidade de inteligência mais econômica do mundo. De fato, gigantismo não é necessariamente garantia de eficiência. Além disso, conduz muitas vezes a uma compartimentalização extrema e a procedimentos morosos que acabam por diminuir a eficiência global do sistema, que tem uma forte tendência para a burocratização, situação particularmente marcada nos Estados Unidos.

Em resumo, podemos estimar sem chauvinismo que a comunidade de inteligência francesa está no Top 5 mundial. A lacuna persistente na inteligência francesa é o desinteresse atávico dos líderes políticos – exceto quando há ataques! – por sua atividade, seu medo de conspirações e truques sujos e sua tendência recorrente de usar farmácias para realizar certas missões em seu benefício.

Publicado no [Centre Français de Recherche sur le Renseignement \(Cf2R\)](#).

**Éric Denécé é cientista político, diretor do Centro Francês de Pesquisa e Informação e professor associado na universidade Bordeaux IV-Montesquieu em Bordeaux, na França. Ao longo de sua carreira, foi analista de informação e consultor do Ministério da Defesa francês atuando em projetos sobre o futuro das forças especiais.*
